

# NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO LIVRO A *REVOLUÇÃO PASSIVA: IBERISMO E AMERICANISMO NO BRASIL*

NOTES FOR A HISTORY OF THE BOOK “THE PASSIVE REVOLUTION: IBERISM AND AMERICANISM IN BRAZIL

**João Marcelo Maia**

Sociólogo, professor associado do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e vice-presidente do Research Committee on the History of Sociology da International Sociological Association (ISA). Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e atua nos seguintes temas: história da sociologia, pensamento social no Brasil e sociologia dos intelectuais.

## RESUMO

Este artigo analisa a gênese do livro *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (1997), de Luiz Werneck Vianna. Por meio de uma análise do livro como um objeto que condensa diferentes redes profissionais e intelectuais, apresento dois argumentos principais: a) revolução passiva foi o resultado de uma experiência coletiva de pesquisa empírica vivida no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) ao longo da década de 1990; b) a recepção e a circulação da obra a transformaram num clássico do “pensamento social brasileiro”.

**Palavras-chave:** Werneck Vianna; revolução passiva; intelectuais; história do livro; IUPERJ.

## ABSTRACT

This article analyzes the genesis of the book *The passive revolution: iberism and americanism in Brazil*, authored by Luiz Werneck Vianna. I examine the book as an object that condenses professional and intellectual networks to present two main claims: a) passive revolution was the outcome of a collective experience of empirical research in IUPERJ during the 1990s; b) the reception and circulation of the book turned it into a classic of the so-called “Brazilian social thought”.

**Keywords:** Werneck Vianna; passive revolution; intellectuals; book history; IUPERJ.

## Introdução

Em 1997, Luiz Werneck Vianna (1938-2024) publicou uma de suas obras mais conhecidas, na qual consagrou o uso da categoria gramsciana de revolução passiva e sistematizou décadas de investimento político-intelectual nos mistérios da modernização capitalista autoritária brasileira. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (doravante, RP) já foi tema de inúmeros artigos, ensaios e mesmo dissertações e teses, figurando como peça fundamental para o entendimento do pensamento de seu autor (Maia, 2009; Rocha, 2006; Souza *et al.*, 2023).

Entretanto, pouco se discutiu a obra de 1997 do ponto de vista da construção social do livro, isto é, com base em uma perspectiva que tome RP como um objeto que condensou uma teia de relações profissionais e intelectuais e que foi moldado por condicionamentos institucionais que nem sempre são trazidos à baila de modo sistemático. Este artigo, portanto, procura trabalhar RP não como uma fonte que permite reconstruir as ideias do autor, mas como uma caixa-preta que, ao ser aberta, revela elementos de uma experiência coletiva que plasmou vida pública e institucionalização científica num centro relevante das Ciências Sociais cariocas, o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

Inspirado em perspectivas teóricas que chamaram atenção para a importância dos suportes materiais e das relações sociais que estabilizam textos como “livros” (Chartier, 1995; McKenzie, 1999; Sorá, 2013), destaco as seguintes questões como fundamentais para elucidar o processo de feitura de RP: a) qual o contexto de produção de cada um dos textos que compõem a obra? Que conjunto de redes e alianças possibilitaram sua escrita e reunião em uma obra autoral? b) Como o contexto institucional no qual se inscrevia Werneck Vianna afetou a produção de RP? c) Como o suporte crítico e a recepção condicionaram o entendimento da obra ao longo do tempo?

Essa inquirição não tem por objetivo relativizar ou diminuir o projeto intelectual de Werneck Vianna. Trata-se, na verdade, de tomar RP como um objeto que revela uma pluralidade de diálogos e redes que nem sempre estão explicitados. Nesse sentido, tratar RP do ponto de vista da construção social do livro abre as portas para pensarmos o quanto esse exercício revela do mundo das Ciências Sociais brasileiras e, mais especificamente, cariocas.

Uma ressalva se faz necessária. Como indica o título, este artigo não apresenta os resultados de uma pesquisa já realizada, mas tão somente algumas notas exploratórias para uma futura possível investigação. Assim, foram poucas as fontes empíricas efetivamente consultadas, destacando-se: a) a bibliografia secundária de referência sobre o autor; b) as entrevistas concedidas por Werneck Vianna e por alguns de seus colegas e parceiros; c) os programas de disciplinas ministradas por Werneck Vianna e por seus colegas ao longo da década de 1990 no IUPERJ; d) conversas pessoais e informais com alguns colegas, sem o estatuto de entrevistas

qualitativas.<sup>1</sup> Além disso, ao longo do texto, sugiro outras possíveis fontes complementares, que certamente poderão ser de grande valia para a consecução dessa imaginada investigação. Entre elas, destacaria: a) as transcrições e/ou gravações de conferências ministradas pelo autor e que, em alguns casos, constituíram os primeiros momentos de elaboração de textos que foram posteriormente coligidos em RP; b) as possíveis correspondências trocadas entre o autor e seus editores na Revan, e demais materiais que permitissem reconstruir os intercâmbios editoriais que culminaram na versão final da obra. Como mostrou Gustavo Sorá (2019), em pesquisa sobre Arnaldo Orfilla Reynal, intelectual que por muitos anos liderou a célebre casa Fondo de Cultura Económica, não se deve menosprezar o papel dos editores na fatura final e na estabilização definitiva de determinadas obras.

Com relação à investigação sobre o aparato crítico e a recepção da obra, algumas fontes podem ser listadas: a) dissertações e teses realizadas por orientandos de Werneck Vianna, particularmente aquelas defendidas na primeira década do século XXI; b) *papers* apresentados em conferências por orientandos e ex-alunos, em especial trabalhos debatidos nos grupos dedicados ao “pensamento brasileiro” na Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs) e na Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS); c) frequências de citações a RP em artigos científicos ao longo das duas primeiras décadas do século XXI; d) resenhas da obra em periódicos científicos e blogues; e) textos livres e ensaios publicados por autores identificados nos itens anteriores em espaços não estritamente acadêmicos, particularmente blogues pessoais e *sites* como *Gramsci e o Brasil*; f) prefácios, posfácios e orelhas publicados nas duas edições de RP, destacando-se o texto elaborado por Maria Alice Rezende de Carvalho para a edição de 2004 (Carvalho, 2004).

Como se vê, são muitas as fontes possíveis que permitiriam reconstruir a vida editorial de RP e o conjunto de redes e agenciamentos que a obra mobilizou, tanto em sua história pregressa, como na hermenêutica de sua recepção, que eventualmente terminou por consagrá-la como uma “interpretação do Brasil” a ser situada ao lado de outros clássicos modernos. Mas precauções metodológicas são necessárias, em especial ao se lidar com as entrevistas concedidas por Werneck Vianna.

### As armadilhas da memória: o mito de origem de *A revolução passiva*

Como sabem os historiadores, o testemunho pessoal pode se situar de modo tenso em relação à reconstrução histórica de processos e eventos (Sarlo, 2007). Afinal, o acionamento da memória não é propriamente uma janela aberta para o passado “tal como ele foi”, mas um momento criativo moldado por constrangimentos e imperativos próprios de seu momento de

<sup>1</sup> As conversas foram travadas no mês de junho de 2024, com os colegas Marcelo Burgos e Maria Alice Rezende de Carvalho, aos quais desde já agradeço. Como de praxe, reitero que as interpretações e análises são de minha responsabilidade, a não ser quando claramente indicado no texto.

enunciação. Assim, em trabalhos no campo da história intelectual, é fundamental relativizar as explicações dadas pelos próprios autores a respeito das condições que forjaram suas experiências intelectuais, pois todos buscamos, no limite, projetar uma ilusão de absoluta coerência, atribuindo diferentes projetos e iniciativas a grandes questões que supostamente perseguimos de modo reflexivo e quase linear.<sup>2</sup>

Entre as entrevistas que Werneck Vianna concedeu no século XXI, momento em que passa por um processo de consagração intelectual iniciado com seu mandato como presidente da Anpocs (2002-2004), eu destacaria: “A questão nacional”, realizada por Vanilda Paiva e Lúcia Lippi e publicada em coletânea sobre pensamento brasileiro organizada por João Trajano Sento-Sé e Vanilda Paiva (Vianna, 2005a); “Entrevista com Luiz Werneck Vianna”, concedida a Lúcia Lippi e Celso Castro em fevereiro de 2005 e publicada em número da revista *Estudos Históricos* (Vianna, 2005b); “Luiz Werneck Vianna”, realizada por Elide Rugai Bastos, Fernando Abrucio, Maria Rita Loureiro e José Márcio Rego, incluída na coletânea “Conversas com Sociólogos Brasileiros” (Vianna, 2006); “Entrevista com Luiz Werneck Vianna”, concedida a Ângela Paiva, Maria Alice Rezende de Carvalho e Marcelo Burgos, publicada na revista *Desigualdade e Diversidade* (Vianna, 2008); e, finalmente, seu longo depoimento concedido em 2012 a Helena Bomeny e Karina Kushnir no âmbito do Programa do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), “Luiz Werneck Vianna II (depoimento, 2012)” (Vianna, 2019).

Nas três primeiras entrevistas, o IUPERJ, instituição a qual estava vinculado desde 1979/1980, trabalhando de forma integral ao longo de toda década de 1990, mal é mencionado. Na quarta entrevista, concedida aos colegas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Werneck Vianna explica brevemente sua entrada na instituição, motivada, segundo ele, por interesse dos alunos em uma palestra concedida em 1979, e responde a uma pergunta de Maria Alice sobre sua agenda de pesquisa na casa, que ele remete ao tema dos intelectuais. Mesmo no depoimento ao CPDOC, que usualmente abre mais espaço para detalhes da história de vida de seus entrevistados, Werneck Vianna pouco fala sobre seu trabalho institucional, detalhando um pouco mais sua entrada na instituição, por ele interpretada como uma espécie de abertura à diversidade ideológica numa instituição tida como “liberal”. A reprodução desse trecho me parece significativa do lugar que a instituição passou a ter em sua vida após sua saída do IUPERJ para a PUC-Rio, em 2011:

W.V – Porque esse foi um momento para mim em que os alunos tinham alguma organização lá, sabe? Eu acho que foram os alunos que... Enfim, eu só

<sup>2</sup> No caso de Werneck Vianna, a questão se complica por conta de sua oratória peculiar, pontuada por silêncios longos, elipses, provocações direcionadas aos interlocutores e afirmações crípticas, cujo deciframento demandava dos ouvintes uma familiaridade com o arsenal interpretativo mobilizado pelo autor.



sei que eu dei o curso e o curso foi bem e tal. Um dia eles me convidam. Aí o Iuperj mesmo me convida para dar uma palestra. Aí eu fui lá e dei uma palestra, nem sabendo o que era o que não era. Falei o que eu achava. O que não achava. E quando terminou, eles... Aquela palestra, na verdade, era um...

K.K – Concurso.

W.V – Um concurso, um vestibular, uma coisa assim. Aí eles me convidaram para dar aula lá. Houve muita confusão entre eles, porque não sabiam aonde iam me botar: em Sociologia ou Política. Acabaram me botando em Sociologia sob protesto do Edmundo, porque ele dizia que eu não era sociólogo, mas enfim.

H.B – Eu me lembro de uma certa época que uma das evidências de que o Iuperj era uma instituição liberal diversificada era que tinha Werneck Vianna.

W.V – Mas esse também foi um cálculo do Iuperj ao me incluir.

H.B – Sim, por isso que estou falando.

W.V – Eles calcularam isso também. Tudo bem, eu fiquei lá 30 anos, não é isso? Saí porque acabou (Vianna, 2019, p. 27-28).

Nas entrevistas, é comum também que Werneck atribua seus textos e pesquisas a grandes questões políticas que o mobilizavam desde a década de 1970, em especial o desvendamento do capitalismo autoritário brasileiro e a relação dos intelectuais com a vida nacional. Vejamos um trecho de sua entrevista à equipe de sociólogos da PUC-Rio:

Veio pelo tema geral dos intelectuais, que, olhando bem, é o tema mais permanente em mim. Desde a primeira hora, é meu tema de estudo e minha reflexão sobre o que sou, sobre a minha vida. Participei de alguns dos mais importantes grupos intelectuais reunidos aqui no Brasil. Participei do ISEB, do CPC, do Cebrap, do Iuperj. Então, eu acho que esse é o meu tema. A partir dos intelectuais, sempre vi a possibilidade de mexer com o resto do mundo – uma ideia do Maiakóvski, que sempre tive presente, uma ideia, aliás, que me devolve ao terreno da ética de convicção, que, olhando bem, talvez jamais tenha abandonado... A ideia de que o que importa é você criar um lugar de geração de energia. Pode estar circunscrito, mas a rede toda vai se abastecer daquilo. Não importa tanto que você chegue a muitos, mas que o seu pensamento tenha essa ponta de cristal (Vianna, 2008, p. 252).

Essa atribuição de um sentido fortemente político à sua agenda intelectual explica por que Werneck Vianna, em inúmeras entrevistas, destaca tanto sua experiência no Cebrap e relativiza sua experiência iuperjiana, como que diminuindo sua inscrição profissional acadêmica, vista sempre como espaço derivativo no qual desaguaria sua vocação principal, forjada entre as décadas de 1960 e 1970. Vejamos esta passagem na entrevista concedida para o livro sobre sociólogos brasileiros:

Nunca parti de um livro para a realidade, foi sempre o oposto. Sempre fui ao livro para tentar resolver um problema que identificava no mundo. E isso persiste, é a minha marca. Vou do ‘aqui e agora’, para a investigação, a pesquisa. Claro que ao longo deste tempo fui assumindo uma identidade profissional mais definida, acompanhando, aliás, o processo de institucionalização das ciências sociais. Mesmo assim, não posso dizer que assumi plenamente uma identidade acadêmica. Linha reta, na minha vida, somente na vida pública. No mais, é ziguezague (Vianna, 2006, p. 166).

Em nenhuma dessas entrevistas Werneck Vianna discorre com detalhes sobre o seu trabalho intelectual na década de 1990, que é visto de forma subordinada à “linha reta da vida pública”. Do mesmo modo, o tema geral da RP, quando surge, é remetido à fermentação política da década de 1970, que passa pela experiência no Cebrap, pelo período de dois anos em Moscou estudando *O capital* sob supervisão de Anastasio Mansilla numa escola de quadros e pela experiência de leitura de Lenin e Gramsci. Essa fermentação resultaria na tese defendida em 1976 na Universidade de São Paulo (USP), *Liberalismo e sindicato no Brasil*, obra a que Werneck Vianna costuma dar mais destaque em todas essas entrevistas.

A hipótese da “linha reta” é também comum entre analistas contemporâneos, que costumam interpretar a produção intelectual de Werneck Vianna em direta continuidade com sua socialização como intelectual comunista.<sup>3</sup> É o caso da tese de Fábio Keinert, que afirma:

O caso de Luiz Werneck Vianna é emblemático da tomada de posição que reivindica a continuidade entre sua atuação como sociólogo e a politização dos anos 1960. De certo modo, são as missões do “intelectual público” que servem de justificativa ao exercício da profissão, valorizando-se aspectos da visão de mundo de gerações anteriores, estribadas no discurso de compromisso com as questões sociais e políticas da nação. Sua trajetória reitera perfis da intelectualidade progressista das décadas de 1950 e de 1960, casos de Florestan Fernandes e de Darcy Ribeiro, cujas estratégias de legitimação se ligam à ideia do dever ético com os dilemas do país, ao mesmo tempo em que se lançaram à interpretação do Brasil em suas características mais fundamentais. Não é à toa que os livros de Werneck Vianna de maior repercussão se aproximam do gênero das interpretações, conforme atesta a coletânea intitulada *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (1997) (Keinert, 2011, p. 163-164).

O caminho percorrido nas notas a seguir, portanto, problematiza essa hipótese. Ao centralizar o olhar na construção social de RP, procuro desvendar, mesmo que de forma preliminar, as teias de relações e condicionamentos institucionais e geracionais que produziram

<sup>3</sup> Notável exceção é o texto de Daniel Ferreira (2019), que menciona a importância dos grupos de pesquisa nos quais Werneck Vianna se inseriu no Luperj, mas o foco de seu argumento é a relação entre Direito e democratização nas reflexões do autor, não se prendendo a uma análise mais detida da trajetória do autor.

o livro de 1997. Não se trata, é claro, de negar a dimensão de intelectual público em Werneck Vianna, mas apenas de oferecer mais elementos para a caracterização de sua produção intelectual.

### Abertura de *Revolução passiva*

A primeira edição de RP foi lançada em 1997 pela editora Revan e tem 242 páginas, divididas entre uma apresentação do autor e cinco textos autorais. Ao contrário da segunda edição, talvez a mais consultada, publicada pela mesma editora em 2004, não há um prefácio que contextualize o projeto intelectual de Werneck Vianna.

Na apresentação, que ocupa apenas quatro páginas e meia, o autor nos informa o seguinte sobre a natureza da obra:

Os ensaios que fazem parte desta coletânea foram produzidos entre 1991 e 1996 e estão presididos pela presença de duas questões: uma discussão sobre a revolução passiva e o seu modo de manifestação na modernização capitalista brasileira e o destino singular disto que foi caracterizado, nos estudos que se seguem, como americanismo (Vianna, 1997, p. 7).

Segue-se a essa abertura um breve texto em que Werneck Vianna situa a obra no âmbito de sua tese de doutoramento, em que o autor recorria a categorias de Lenin e Gramsci para pensar o enigma da modernização autoritária brasileira. Além disso, Werneck Vianna também justifica o recurso às interpretações do americanismo cunhadas por Alexis de Tocqueville (1805-1859), que são centrais para os diferentes textos coligidos em RP. Mas quase nada é dito na apresentação sobre as dimensões institucionais e coletivas que organizaram o trabalho editorial que resultou em RP. Essas informações surgem como notas de rodapé na primeira página de cada texto e nos servem como pistas a serem complementadas com dados extraídos de outras fontes.

O primeiro texto, “Caminhos e descaminhos da revolução passiva à brasileira”, tem sua origem no ciclo de conferências Alternativas e Dilemas do Brasil no Fim do Século, realizado em agosto de 1996 no Iuperj, que resultou num artigo originalmente publicado na revista *Dados* daquele mesmo ano. Já o texto “O ator e os fatos: a revolução passiva e o americanismo em Gramsci” saiu originalmente na mesma *Dados*, em 1995, e a nota de Werneck Vianna menciona os “comentários e a leitura crítica” de Maria Alice Rezende de Carvalho e Manuel Palácios Cunha Melo, um curso de leitura intitulado “Gramsci e a teoria do conhecimento”, frequentado por Marcelo Burgos, seu orientando e colega, e o papel crítico desempenhado por Luiz Sérgio Henriques, que teria auxiliado o autor na tradução de algumas passagens. Já o capítulo “O problema do americanismo em Tocqueville”, foi editado primeiramente na revista *Lua Nova* em 1993, enquanto “Americanistas e iberistas: a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos” – o único que tem uma dedicatória, para Maria Alice Rezende de Carvalho – é o desenvolvimento



de uma comunicação apresentada em seminário promovido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sobre o pensamento de Oliveira Vianna, realizado em abril de 1991. Finalmente, “A institucionalização das Ciências Sociais e a reforma social: do pensamento social à agenda americana de pesquisa” foi originalmente escrito como introdução à pesquisa “Cientistas sociais e vida pública”, realizada conjuntamente com Maria Alice, Werneck Vianna e Manuel Palácios, tendo sido publicada em número da *Dados* editado em 1994.

Um primeiro ponto a ser destacado é o fato de RP ser um tipo de livro que se tornaria mais comum entre sociólogos nos anos seguintes – uma coletânea de textos publicados originalmente em revistas científicas, organizados segundo um critério temático que indicasse a coesão de determinada agenda intelectual. Esse formato de livro foi se tornando mais comum à medida em que os imperativos sistêmicos produzidos pela máquina avaliativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) transformaram os artigos científicos em itens mais valorizados na hierarquia acadêmica.

Embora Werneck atuasse no Iuperj desde o início da década de 1980, naquele período, sua produção ainda era fortemente atravessada pelo seu engajamento como intelectual público e homem de partido. Suas três principais publicações à época são: *A classe operária e a abertura* (Vianna, 1983), *Travessia: da abertura à Constituinte* (Vianna, 1986) e *Transição: da Constituinte à sucessão presidencial* (Vianna, 1989), produções que demonstram o hibridismo da fatura intelectual werneckiana. Enquanto *A classe operária e a abertura* abrigava fundamentalmente textos de conjuntura, incluindo 14 escritos originalmente publicados no órgão comunista *Voz da Unidade*, *Travessia* já acolhe manuscritos publicados em revistas científicas e seminários, e sua orelha é assinada pelo diretor do Iuperj, Wanderley Guilherme dos Santos (Silva, 2020). Em 1986, Werneck Vianna foi candidato a deputado constituinte, obtendo pouco mais de 4 mil votos, e seus textos naquele momento ainda evidenciam um intelectual engajado diretamente no processo de democratização brasileiro. Sua atuação junto à revista *Presença* (1983-1992), iniciativa do grupo dos “renovadores” comunistas, sob inspiração de Armênio Guedes e com animação do próprio Werneck Vianna, exemplificaria de forma exemplar esse padrão de atividade intelectual, marcado pela tentativa de conciliar profissão e intervenção política (Burgos, 2012; Silva, 2020).

Seria nos anos de 1990 que a preocupação pública de Werneck Vianna iria se integrar mais decisivamente com o processo de institucionalização científica, que já tomava uma direção irrefreável. Nesse momento, já trabalhando no Iuperj e no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ),<sup>4</sup> o autor logrou traduzir sua disposição para a organização

<sup>4</sup> Werneck Vianna trabalhou no CPDA como professor adjunto de 1984 até setembro de 1999, e são muito poucas as referências ao seu trabalho naquela instituição, na qual atuava como professor e orientador de pós-graduação.



coletiva do trabalho intelectual em uma modelagem científico-institucional, o que explica as notas de pé de página mencionadas anteriormente.

Embora seja comum a interpretação do Iuperj como um centro orientado para a americanização da disciplina entre nós, entendendo esse processo pelo prisma da especialização metodológica e pela dimensão aplicada da ciência para temas da reforma, interpretações contemporâneas tem ressaltado a circulação dos docentes iuperjianos em agências públicas e movimentos sociais na década de 1980 (Campos; Szwaco, 2024), casos, por exemplo, de Neuma Aguiar, Luiz Antônio Machado e Carlos Hasenbalg, este último importante figura na articulação do movimento negro. Ou seja, embora a contratação de Werneck possa certamente ter obedecido a uma “sinalização de pluralidade”, é fato que o engajamento com a vida pública não era algo estranho a uma instituição concebida por intelectuais oriundos do velho Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Note-se, aliás, que o ingresso de Werneck Vianna não foi bem digerido pela ditadura. Segundo relato de Wanderley Guilherme dos Santos para a série de depoimentos “Caminhos”, realizada com intuito de registrar a memória dos fundadores do Iuperj, sua contratação motivou recebimento de correspondência sigilosa do Serviço Nacional de Informações (SNI), que demandava informações e tecia ameaças veladas no caso de não cooperação (Caminhos..., 2019).

Pode-se dizer também que o enraizamento iuperjiano de Werneck Vianna seria favorecido por um processo de renovação nos quadros docentes da instituição, conduzido pelo mesmo Wanderley Guilherme dos Santos. Na segunda metade da década de 1980, mais precisamente em 1987, ingressaram como professores no Iuperj os pesquisadores Luís Eduardo Soares, Maria Alice Rezende de Carvalho e Ricardo Benzaquen de Araújo, cujas agendas não se alinhavam de forma natural ao ambiente intelectual reinante. Essa incorporação não se deu sem conflitos e controvérsias. Conforme afirma o próprio Luís Eduardo:

O Iuperj era considerado uma instituição de excelência, caracterizada pelo pluralismo de valores e concepções, acadêmicas e políticas. A questão que se colocava imediatamente para nós era, tendo em vista a rede de contradições descritas acima: até onde vai a abertura da instituição? Qual o limite da tolerância e do convívio harmonioso na diferença? (Soares, 2017, p. 29).

Assim, seria nesse Iuperj potencialmente renovado que Werneck Vianna iria retomar a dimensão coletiva que marcava sua atuação, mas, agora, sob a moldura de uma vida profissional mais “disciplinada”, pois regrada pelos tempos e pelas dinâmicas de um processo de crescente institucionalização. Essa combinação entre vida pública, artesanato e ciência constituiria um elemento importante para entender a natureza das práticas intelectuais que deram forma aos diferentes textos coligidos em RP, que articulam um estilo ensaístico de escrita ao formato do artigo científico (mercadoria intelectual distante dos ensaios de conjuntura que seriam a marca registrada tanto do Werneck Vianna dos anos de 1980, como do Werneck Vianna “tardio”).

O problema do americanismo, por exemplo, vinha sendo trabalhado desde o início da década de 1980 num grupo dedicado ao tema no qual participavam nomes como Lucia Lippi Oliveira, Maria Alice Rezende de Carvalho e José Murilo de Carvalho. Esse grupo teria sido montado por ocasião do lançamento do livro *O espelho de próspero* (1982), de Richard Morse, obra que provocou conhecida controvérsia no campo intelectual brasileiro. Embora o grupo tenha sido formalmente desfeito no início da década de 1990 (Rocha, 2006), as discussões sobre o tema reverberaram ao longo da década, constituindo um verdadeiro léxico interpretativo que pode ser verificado em outras obras, aulas, orientações, dissertações e teses. Pode-se citar, por exemplo, *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos* (2000), de Lucia Lippi Oliveira, e as teses de Maria Alice e Rubem Barboza Filho, posteriormente editadas em livro com os seguintes títulos, respectivamente, *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil* (1998) e *Tradição como artifício: iberismo e o barroco na formação americana* (2000).<sup>5</sup>

A dinâmica coletiva mais significativa para o entendimento do projeto RP, porém, está nas atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa sobre intelectuais, formado por Werneck Vianna, Maria Alice e Manuel Palácios, ao qual se juntou posteriormente Marcelo Burgos, então um jovem pós-graduando.<sup>6</sup> Esse grupo combinou discussões teóricas sobre sociologia da ciência e do conhecimento com estudos orientados para as relações entre vida intelectual e democracia.

Assim, a pesquisa coletiva *Cientistas sociais e vida pública*, tocada pelo grupo do Laboratório em 1992, voltou-se para um estudo empírico dos estudantes de Ciências Sociais da primeira metade da década de 1990, convertendo-se em verdadeiro sismógrafo das novas tendências da inscrição das Ciências Sociais na vida pública brasileira (Burgos, 2012). Sua principal conclusão foi a descoberta da vocação científica em uma nova geração estudantil, que via nessa ocupação uma possibilidade profissional que conferia mobilidade social, além da constatação da emergência de uma forma de intervenção pública marcada pela especialização temática.

Embora em suas entrevistas Werneck Vianna remeta essa agenda ao tema fundador da intervenção dos intelectuais no mundo, é importante notar que *Cientistas sociais e vida pública* realizou-se como uma pesquisa marcada por elementos fundamentais da sociologia científica: uma divisão de trabalho entre os integrantes, o que implica maior especialização nas atividades de coleta e análise de dados; o uso de técnicas quantitativas de investigação; a comunicação dos

---

<sup>5</sup> Entre outras teses iuperjianas que, em período similar, investiram no entendimento do americanismo, pode-se citar: *Um sertão chamado Brasil: intelectuais sertanejos e imaginação social* (1997), de Nisia Trindade Lima (Sociologia); *Qual mudança?: Os empresários e a modernização do Ceará* (1999), de Washington Bonfim (Ciência Política); *O futuro e suas ilusões: os Estados Unidos de Monteiro Lobato e Eduardo Prado* (1999), de Carmem Felgueiras (Sociologia); *Artifício e natureza: a conquista do oeste segundo Sérgio Buarque de Holanda* (1999), de Robert Wegner (Sociologia). No caso das dissertações, temos: *Leituras no grande livro das Américas* (1989), de José Maurício Domingues (Sociologia), *A utilidade e as leis: as afinidades entre o pensamento de Jeremy Bentham e a cultura ibérica* (1997), de Vicente Riccio (Ciência Política).

<sup>6</sup> Esse grupo é nomeado como “Laboratório de Sociologia dos Intelectuais e Institucionalização da Ciência”, em artigo dos participantes, que identifica o início de suas atividades em 1992 (Vianna; Carvalho; Melo, 1995).

resultados na forma de objetos textuais científicos, como o artigo publicado em número especial de *Dados* (Vianna; Carvalho; Melo, 1994).

Segundo Marcelo Burgos, essa pesquisa foi fundamental para conferir um repertório metodológico e empírico para a agenda intelectual de Werneck Vianna, colaborando de forma decisiva para o processo de transição vivenciado pelo autor, agora um pesquisador em tempo integral num centro de pós-graduação.<sup>7</sup> Note-se que, conforme os próprios autores informam na introdução, a investigação era parte de um projeto mais amplo encampado pelo então diretor do Iuperj, Renato Boschi, que enviara um pedido de financiamento à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Além disso, os agradecimentos mencionam uma vasta rede de alunos e colegas, que foram cruciais para a organização da coleta de dados em diferentes instituições ao redor do Brasil.

O texto resultante era composto de uma extensa análise de dados empíricos, introduzida por uma espécie de ensaio teórico sobre o tema, tipo textual que era marca da fatura werneckiana. Ocupando pouco mais de 40 páginas da revista, o texto nomeado “Introdução” iniciava-se com um breve estudo comparativo de corte bibliográfico sobre a formação histórica da sociologia na França, na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos (Vianna, 1994). Em seguida, Werneck Vianna localiza o caso brasileiro, em que a sociologia teria surgido dentro de uma universidade sem conexões com a vida social, e compara os tipos de inscrição na vida pública adotados pelas diferentes gerações de cientistas sociais. Em nota de pé de página, o texto é atribuído a Werneck Vianna, mas se reconhece o diálogo com os outros dois membros do Laboratório. Esse texto iria compor o último capítulo de RP em 1997.

O Laboratório se cristalizou também por meio da elaboração de disciplinas pelo trio Werneck Vianna-Maria Alice-Palácios, como o curso Sociologia dos Intelectuais e do Conhecimento, ofertado no primeiro semestre de 1993.<sup>8</sup> A bibliografia combinava clássicos como Karl Mannheim (1893-1947), Antonio Gramsci (1891-1937) e Robert Merton (1910-2003) com sociólogos da ciência como David Bloor (1942-), além de incorporar uma ampla bibliografia brasileira sobre a institucionalização das ciências no país, culminando com uma discussão sobre a sociologia das profissões. No primeiro semestre do ano seguinte, o mesmo trio ofereceu a disciplina A Institucionalização das Ciências Sociais, apresentada como um subsídio para o grupo de pesquisa Universidade e Institucionalização da Atividade Científica no Brasil.<sup>9</sup> A bibliografia contemplava estudos atuais sobre o tema com uma vasta literatura sobre o caso brasileiro, reiterando padrão já visto na disciplina sobre intelectuais. No segundo semestre de 1994, a disciplina A Produção Institucionalizada das Ciências Sociais no Brasil abrigava uma

<sup>7</sup> Em comunicação pessoal ao autor em 18 de junho de 2024.

<sup>8</sup> Todas essas ementas foram digitalizadas pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) e estão disponíveis em: <https://50anos.iesp.uerj.br/ementas/>; acesso em: 22 ago. 2024.

<sup>9</sup> Em suas comunicações com o autor deste artigo, nem Marcelo nem Maria Alice se recordaram de um grupo de pesquisa com tal nome, o que sugere mais propriamente um projeto temático que se realizou por outros caminhos institucionais.

verdadeira enciclopédia de estudos clássicos das Ciências Sociais nacionais, começando com Donald Pierson, Emílio Willems, Florestan Fernandes e Costa Pinto e indo até Wanderley Guilherme dos Santos, Elisa Reis e José Murilo de Carvalho, passando por nomes como Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe e Octavio Ianni, culminando com aulas dedicadas à análise de duas revistas científicas: *Dados* e *Estudos Cebrap*. Em 1995, o grupo novamente abriu uma disciplina sobre intelectuais, que seria encerrada com uma apresentação do caso dos magistrados, cuja investigação empírica iria se iniciar naquele ano. Finalmente, em 1997, Maria Alice, Werneck Vianna e Burgos ofereceram o curso A Sociologia Política do Poder Judiciário, focado na bibliografia contemporânea sobre Direito, incluindo clássicos como Cappelletti, Dworkin e Garapon.

Importante notar a importância que a área da sociologia da ciência e do conhecimento tinha no IUPERJ na década de 1990, pois Simon Schwartzman e Edmundo Campos Coelho também costumavam oferecer disciplinas sobre o tema naquele período. Embora os contatos da equipe do Laboratório sobre intelectuais com esses colegas não fossem nem frequentes, nem necessariamente pacíficos, é forçoso reconhecer que essa coabitação permitia a circulação de referências novas e textos recém-traduzidos.<sup>10</sup>

A análise dos programas de disciplinas oferecidas por Werneck Vianna-Maria Alice-Manuel Palácios entre 1991 e 1997 permite fazer três inferências importantes para a construção de RP: a) a oferta de cursos era moldada pela lógica da pesquisa científica, sendo poucos os cursos de natureza puramente teórica, à exceção de uma disciplina sobre o pensamento de Gramsci, oferecida por Werneck Vianna em 1998; b) os cursos eram invariavelmente colaborativos e coletivos, praticamente inexistindo cursos oferecidos de forma solitária por Werneck Vianna; c) nenhum dos cursos era dedicado ao que entendemos por “pensamento social brasileiro”, área que era coberta por José Murilo de Carvalho. O item c), em especial, reforça uma hipótese que venho construindo neste texto e que ganhará mais concretude na próxima seção, a de que RP foi transformado num trabalho clássico de “interpretação do Brasil” posteriormente, por meio do trabalho de circulação efetuado por ex-alunos.

O trio Werneck Vianna-Maria Alice-Manuel Palácios, acrescido agora de Marcelo Burgos, foi mantido para uma pesquisa encomendada pela Associação dos Magistrados do Brasil (AMB) em 1995, que tinha por objetivo entender a mudança na composição da magistratura, bem com os seus valores e orientações. Mais uma vez, o tema dos intelectuais retornou na forma de uma pesquisa científica de caráter colaborativo e aplicado, com uso de questionários e incorporação da bibliografia atualizada sobre Direito e democracia. Os resultados saíram na forma de livros

---

<sup>10</sup> Em sua comunicação pessoal com o autor, Marcelo Burgos relatou que possivelmente se deve a Simon Schwartzman a entrada de livros de Bruno Latour no IUPERJ.

acadêmicos e artigos publicados em periódicos, ainda que sempre combinados a uma constante vocalização do tema na vida pública.

Ressalte-se a dinâmica colaborativa do projeto, que resultou em artigo assinado a seis mãos em processos de reflexão que foram assim descritos por Maria Alice Rezende em entrevista ao autor deste artigo:

Nós nos reuníamos toda semana com eles, ou seja, com o grupo de magistrados. Então, nós íamos até o tribunal, onde ficava a sede da associação de magistrados, nos reuníamos em quatro uma mesa redonda, todos juntos, eram, acho que uns quatro magistrados e nós quatro, de diferentes áreas de atuação esses magistrados, e conversávamos sobre a montagem desse questionário. As questões de *background*, de formação e também questões relativas sobre o ofício deles, essa era a primeira etapa do questionário. Depois, concepções sobre a sociedade, sobre a relação entre estado e sociedade que também foi construída com eles. Então, nós tínhamos uma agenda semanal com eles e tínhamos entre nós uns dois dias de trabalho, que nós depurávamos aquelas questões, organizávamos as leituras. [...] O processo de escrita, por sua vez, dava-se com os autores operando ao mesmo tempo. Então, os três, eu, o Manoel e o Werneck sentávamos em volta do computador, em geral eu escrevia, e a gente ia opinando e construindo o texto nesse corpo a corpo (Carvalho, 2016, p. 3-4).

Assim, embora apenas o último texto, relativo à institucionalização das Ciências Sociais, seja diretamente remetido aos projetos de pesquisa empírica produzidos pela equipe do Laboratório, é difícil entender textos como “O ator e os fatos” sem o entendimento dessas redes colaborativas de pesquisa, nas quais circulavam conceitos, interpretações e bibliografias sobre Direito, intelectuais e sociologia da ciência e do conhecimento.

### A recepção de RP e a produção de um clássico

No ano de sua edição, RP obteve o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, atribuído pela Biblioteca Nacional ao melhor ensaio editado no referido ano. O prêmio seria uma primeira chancela a uma obra que, produzida com base em reflexões oriundas de pesquisas nos campos da sociologia política e da sociologia dos intelectuais, iria se transformar ela própria numa espécie de “interpretação do Brasil”.

Esse enquadramento estaria presente no prefácio escrito por Maria Alice Rezende de Carvalho para a segunda edição do livro, intitulado justamente *Uma reflexão sobre a civilização brasileira* (Carvalho, 2004). No texto, a autora analisa os caminhos intelectuais que levaram Werneck Vianna ao tema da revolução passiva, destacando os modos pelos quais o autor empreendeu suas leituras de Gramsci e Tocqueville. Sua hipótese é dita de forma clara: “Reunindo artigos produzidos ao longo da década de 1990 e que já circulavam em influentes periódicos das ciências sociais, o livro não teve sua forma questionada, tendo sido recepcionado,



justamente, como obra inteira e sólida, contribuição inegável à tradição do ensaísmo nacional” (Carvalho, 2004, p. 7).

Para entender esse processo de consagração de RP como um clássico do “pensamento brasileiro”, é fundamental atentar para a construção disciplinar dessa subárea das Ciências Sociais. Embora seja um dos grupos de trabalho (GTs) mais longevos da Anpocs, tendo sido estabelecido em 1980 (Bastos; Botelho, 2010; Oliveira, 1999), pesquisas mais recentes sobre o campo mostram que o período entre 1995 e 2011 teria sido decisivo para a sua capilarização institucional e para o incremento na quantidade de pesquisadores identificados como praticantes da área (Josiwicz; Brasil Junior, 2019). Ora, as colaborações intelectuais e as pesquisas que geraram os artigos posteriormente coligidos em RP se deram fundamentalmente entre o final da década de 1980 e a primeira metade dos anos 1990, quando a agenda de Werneck Vianna tomava o ensaísmo brasileiro como recurso cognitivo para uma sociologia política dos intelectuais e da institucionalização científica. Ou seja, o livro não necessariamente foi pensado como uma obra sobre ou mesmo de “pensamento social brasileiro”, a despeito da presença do artigo sobre Oliveira Vianna e Tavares Bastos, que veio a se tornar referência incontornável para os estudiosos desses autores.<sup>11</sup>

Contudo, os anos que se seguiram à edição de RP coincidem com o processo de florescimento do subcampo do pensamento social no Brasil, que passou a atrair vários estudantes e jovens pesquisadores energizados pela gramática intelectual contida na obra. Não à toa, em 2003, Werneck Vianna e Maria Alice ofereceram, pela primeira vez conjuntamente, a disciplina Pensamento Social Brasileiro, que incorporava a bibliografia clássica do ensaísmo nacional. Ainda assim, o texto da ementa informava que a disciplina surgira no âmbito do Instituto Virtual A Democracia e os Três Poderes no Brasil, uma rede de pesquisa criada em 2000 por meio de um convênio entre o Iuperj e a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), que buscava investigar a relação entre os poderes na República e as orientações valorativas dos brasileiros a respeito da democracia e da cidadania. Ou seja, a convocação do pensamento brasileiro como recurso cognitivo estava orientada para um estudo de sociologia política, e não para um trabalho de história intelectual.<sup>12</sup> Note-se, aliás, que o livro resultante da referida pesquisa praticamente não abriga qualquer tipo de interlocução com o ensaísmo nacional (Vianna, 2002).

<sup>11</sup> Esse artigo surgiu de sua participação em seminário da Unicamp no qual nomes relevantes da área estiveram presentes, tais como Ângela de Castro Gomes, José Murilo de Carvalho, Lucia Lippi Oliveira, Elide Rugai Bastos, entre outros especialistas.

<sup>12</sup> O autor deste artigo já ouviu algumas vezes a afirmação de que Werneck Vianna faria “história das ideias”, o que me parece um mal-entendido motivado pela análise isolada de alguns textos de natureza ensaística do autor, em especial quando comparados a trabalhos de inspiração bourdieusiana (autor que Werneck Vianna nunca apreciou). Como tentei mostrar ao longo deste artigo, RP se constituiu como um livro de sociologia dos intelectuais com base em uma rede orientada para a realização de pesquisas empíricas sobre o tema.

Mas parece claro que a circulação de RP se associou decisivamente à consolidação do campo do pensamento brasileiro, processo que também se deu no próprio Iuperj. Em sua radiografia da área, Christian Lynch (2016) aponta o crescimento das teses em pensamento político brasileiro elaboradas na instituição entre 1996 e 2005, período que coincide com a edição e a recepção das teses werneckianas no corpo discente e com a própria temporalidade descrita por Josiowicz e Brasil Junior (2019).<sup>13</sup> Embora não seja correto atribuir esse crescimento apenas ao efeito de RP, dada a tradição da casa nesse tipo de investigação, parece-me possível relacionar a legitimação crescente dessa área na Sociologia do Iuperj no começo do século XXI ao trabalho coletivo empreendido por Werneck Vianna, Maria Alice e Ricardo Benzaquen. No caso da Ciência Política iuperjiana, o papel pioneiro desempenhado por Wanderley Guilherme dos Santos em décadas anteriores foi decisivo para a consolidação dos estudos sobre pensamento político brasileiro (Lynch, 2013), ressaltando-se também o incansável trabalho de docência e orientação de César Guimarães, que formou inúmeros pesquisadores nessa seara.

Um trabalho qualitativo embasado na leitura de dissertações e teses está além das possibilidades deste artigo, mas permitiria rastrear o emprego dos conceitos mobilizados por Werneck Vianna em RP como vocabulário analítico e inspiração teórica para estudos de história intelectual e pensamento social e político, importante indicador de consagração da obra. Do mesmo modo, uma pesquisa nos anais dos encontros anuais da Anpocs a partir do século XXI, provavelmente, indicaria um aumento de trabalhos que tinham por objetivo interpretar pensadores nacionais à luz da gramática intelectual avançada por Werneck Vianna em RP. Em sua radiografia do campo, Lynch (2016) argumenta que o grupo nomeado como “gramsciano”, formado por ex-orientados e colegas do autor, seria um dos mais capilarizados nas áreas de pensamento político e social.

De fato, é uma hipótese razoável que a consagração de RP como uma obra de “interpretação do Brasil” e uma fonte de vocabulário intelectual deveu-se, em grande medida, ao trabalho desempenhado por alunos e orientandos, que rotinizaram o por vezes tortuoso pensamento werneckiano em categorias analíticas e classificatórias mais manejáveis (Abreu, 2015; Maia, 2014; Perlato, 2023; Souza; Perlato, 2010).

Esse processo de consagração seria marcado por outros dois movimentos: a edição de coletâneas dedicadas à celebração de Werneck Vianna e a transformação do autor em objeto de artigos, dissertações e teses. No primeiro caso, destaque-se as duas obras editadas em Juiz de Fora (MG), *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna* (Barboza Filho; Perlato, 2012) e *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Werneck Vianna* (Souza et al., 2023). Essas coletâneas agrupam cientistas sociais de diferentes gerações que escrevem sobre Werneck Vianna e/ou a partir das suas categorias de análises, e são organizadas (ou, coorganizadas, como

---

<sup>13</sup> Em seu estudo sobre as teses do Iuperj, André Botelho (2012) argumenta que o pensamento brasileiro se constituía como uma das principais áreas temáticas da Sociologia entre 1991 e 2005, sugerindo uma temporalidade mais dilatada para esse processo.

no primeiro caso) por jovens cientistas sociais que estudaram no Iuperj nos tempos de recepção de RP como obra de “interpretação do Brasil”. No segundo caso, destacam-se tanto os estudos específicos sobre a trajetória e o pensamento do autor (Silva, 2020; Rocha, 2006), como as teses e dissertações que investigam de modo mais geral a cultura intelectual comunista brasileira nos anos de 1970 e 1980 (Silva, 2022; Góes, 2020).

Uma comparação entre as duas coletâneas editadas em Juiz de Fora evidencia um aspecto interessante. Enquanto o primeiro livro reúne majoritariamente nomes consagrados nas Ciências Sociais brasileiras, como Elide Rugai Bastos, Francisco Weffort, José Murilo de Carvalho, Lilia Schwarcz, Maria Emília Prado, César Guimarães, José Eisenberg, entre outros, a segunda obra é composta quase integralmente de textos de ex-alunos e orientandos, em sua maioria formados no Iuperj ao longo do século XXI, já sob inspiração da agenda de pesquisas que se plasmou em RP.

Já os artigos, as dissertações e as teses são evidências de um movimento ainda incipiente, mas que tende a se tornar mais comum. Chama a atenção o fato de que esses trabalhos não necessariamente se insiram no campo do pensamento social brasileiro, caracterizando-se como pesquisas de história intelectual e sociologia dos intelectuais. Note-se, aliás, que, na segunda década do século XXI, Werneck Vianna criaria, juntamente com Rubem Barboza Filho e Maria Alice Rezende, um GT na Anpocs sobre intelectuais, cultura e democracia, em que pesquisadores jovens inspirados pela gramática de RP apresentariam trabalhos alinhados à grande área do “pensamento brasileiro”. Seria possível interpretar esse movimento como uma tentativa de intervir no processo de recepção de sua obra, alinhando-a às discussões teóricas da sociologia dos intelectuais?<sup>14</sup> Esses efeitos contemporâneos na recepção da obra estariam produzindo um novo giro hermenêutico na classificação de RP? Essas duas perguntas escapam inteiramente ao escopo deste artigo, mas permanecem como sugestões de pesquisas futuras.

### Considerações finais

Este artigo procurou oferecer algumas notas iniciais para uma história do livro *A revolução passiva*, tomando-o como um objeto que condensou redes profissionais e intelectuais reunidas em um ambiente institucional específico, o Iuperj da década de 1990. Sugeri que essas circunstâncias moldaram uma agenda de pesquisa coletiva orientada para investigações empíricas no campo da sociologia dos intelectuais, acompanhando o processo de institucionalização científica do qual o próprio Werneck Vianna foi notável intérprete. Essa hipótese principal foi secundada por outra, que relaciona a recepção e a circulação do livro à sua entronização como uma obra central no campo florescente do “pensamento social brasileiro”.

<sup>14</sup> Apenas como registro anedótico, recordo-me de um formulário preenchido por Werneck Vianna em algum momento do ano 2000, exigência de uma agência financiadora para concessão de bolsa de mestrado no Iuperj. No campo dedicado à “especialidade” do orientador, depois de hesitar brevemente e perguntar, em voz alta, “o que eu ponho aqui?”, acabou inserindo “Sociologia política”.



Trata-se de pistas para uma possível pesquisa, que ainda demandaria bastante trabalho empírico. Conforme exposto na introdução, esse trabalho poderia ser enriquecido com uma consulta a correspondências entre Werneck Vianna e seus editores na Revan, documentos internos circulados entre a equipe do grupo sobre sociologia dos intelectuais, resenhas e textos publicados em periódicos científicos e blogues, entre outras fontes a serem consultadas. Espero que esses caminhos possam ser seguidos por leitores interessados na perspectiva aberta por este artigo.

## Referências

- ABREU, Rafael Assumpção de. *A boa sociedade: história e interpretação sobre o processo de colonização no norte de Mato Grosso durante a ditadura militar*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 347-388.
- BASTOS, Elide; BOTELHO, André. Horizontes das ciências sociais: pensamento social brasileiro. In: MARTINS, Carlos B.; MARTINS, Heloísa H. T. de Souza (org.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Anpocs, 2010. v. 1.
- BOTELHO, André. Sobre as teses do Iuperj: Ciências Sociais e a construção democrática no Brasil contemporâneo. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 347-388.
- BURGOS, Marcelo. Cientistas sociais da década de 1980 In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 331-346.
- CAMINHOS – Ep. 1 – Wanderley Guilherme dos Santos. Rio de Janeiro: UERJ, 2019. 1 vídeo (90 min). Publicado pelo canal IESP-UERJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iIckIHZSqB8&list=PLNSEFK94TVouiYwFUQrJMvRk3sOnxnzAx&index=2>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- CAMPOS, Luiz Augusto; SZWACO, José. Unidos na diferença: sobre a vocação da sociologia brasileira no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1973-1977. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 1-23, 2024.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Maria Alice Rezende de Carvalho (depoimento, 2016)*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, [2016].



- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Uma reflexão sobre a civilização brasileira. In: VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2004. p. 7-37.
- CHARTIER, Roger. *Forms and meanings: texts, performances, and audiences from codex to computer*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- FERREIRA, Daniel Henrique da Mota. A via jurídica para um americanismo nos trópicos: a biografia de Werneck Vianna e a construção no IUPERJ de uma agenda de democratização à brasileira. *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, p. 76-83, 2019.
- GÓES, Camila Massaro Cruz de. *Gramsci e a dialética da tradução na América Latina: o caso das revistas Pasado y Presente e Presença*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- JOSIOWICZ, Alejandra; BRASIL JUNIOR, Antônio. Pensamento social e pesquisa informacional: o caso da Biblioteca Virtual do Pensamento Social (BVPS). *Revista Brasileira de Sociologia*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 5-28, 2019.
- KEINERT, Fábio. *Cientistas sociais entre ciência e política (1968-1985)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. Cartografia do pensamento político brasileiro: conceito, história, abordagens. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, DF, v. 19, p. 75-119, 2016.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. The institutionalization of Brazilian political thought in the social sciences: Wanderley Guilherme dos Santos' research revisited (1963-1978). *Brazilian Political Science Review*, São Paulo, v. 7, p. 36-60, 2013.
- MAIA, Felipe. *Questão agrária e modernização no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MAIA, João Marcelo E. Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, p. 155-168, 2009.
- MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. Interpretações sobre o Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler nas Ciências Sociais brasileiras*. São Paulo: Sumaré; Brasília, DF: Capes, 1999. p. 147-181.



- PERLATTO, Fernando. Luiz Werneck Vianna, os intelectuais e a modernização brasileira. In: SOUZA, Diogo T. et al. (org.). *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023. p. 31-43.
- ROCHA, Camila V. de. *Transição democrática, engajamento intelectual e reformas políticas: a trajetória intelectual de Luiz Werneck Vianna nos anos 1990*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, Marcelo Fontenelle e. *Os (euro)comunistas brasileiros: uma análise da trajetória política e intelectual de integrantes da chamada “corrente renovadora”*. Tese (Doutorado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2022.
- SILVA, Marcelo Fontenelle e. Tensões da construção de uma agenda política e intelectual: uma análise da trajetória de Luiz Werneck Vianna. *Leviathan*, São Paulo, v. 18, p. 1-31, 2020.
- SOARES, Luís Eduardo. Ricardo Benzaquen, breve homenagem à sua memória. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 26-32, 2017.
- SORÁ, Gustavo. *Editar desde la izquierda en América Latina: la agitada historia del Fondo de Cultura Económica y de siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2019.
- SORÁ, Gustavo. La vuelta al libro en ochenta cartas: Cortázar, Orfila Reynal y los meandros editoriales de la composición literaria. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 45-62, 2013.
- SOUZA, Diogo Tourino et al. *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023.
- SOUZA, Diogo Tourino; PERLATTO, Fernando. Intelectuais, pensamento social e os embates sobre as interpretações do Brasil. *Locus Revista de História*, Juiz de Fora, v. 30, n. 1, p. 29-45, 2010.
- VIANNA, Luiz Werneck (org.). *A democracia e os Três Poderes no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A classe operária e a abertura*. São Paulo: Cerifa, 1983.
- VIANNA, Luiz Werneck. A questão nacional. [Entrevista cedida a] Vanilda Paiva e Lúcia Lippi Oliveira. In: SENTO-SÉ, João Trajano; PAIVA, Vanilda (org.). *Pensamento social brasileiro*. Rio de Janeiro: Cortez, 2005a.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- VIANNA, Luiz Werneck. *De um Plano Collor a outro*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- VIANNA, Luiz Werneck. Entrevista com Luiz Werneck Vianna. [Entrevista cedida a] Lucia Lippi Oliveira e Celso Castro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 177-191, jan./jun. 2005b.

- VIANNA, Luiz Werneck. Entrevista com Luiz Werneck Vianna. [Entrevista cedida a] Ângela Paiva, Maria Alice Rezende de Carvalho e Marcelo Burgos. *Desigualdade e Diversidade*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 235-257, 2008.
- VIANNA, Luiz Werneck. Introdução. In: VIANNA, Luiz Werneck; CARVALHO, Maria Alice Rezende de; MELO, Manuel Palácios da Cunha. *Cientistas sociais e vida pública: o estudante de graduação em Ciências Sociais. Dados*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 351-529, 1994. p. 357-402.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Luiz Werneck Vianna II (depoimento, 2012)*. [Entrevista cedida a Helena Maria Bousquet Bomeny e Karina Kuschnir]. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2019. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas\\_sociais/werneck\\_vianna/TranscricaoWerneckVianna.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas_sociais/werneck_vianna/TranscricaoWerneckVianna.pdf). Acesso em: 2 ago. 2024.
- VIANNA, Luiz Werneck. Luiz Werneck Vianna. [Entrevista cedida a] Elide Rugai Bastos, Fernando Abrucio, Maria Rita Loureiro e José Márcio Rego. In: BASTOS, Elide Rugai *et al.* (org.). *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Transição: da Constituinte à sucessão presidencial*. Rio de Janeiro: Revan, 1989.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Travessia: da abertura à Constituinte*. São Paulo: Taurus, 1986.
- VIANNA, Luiz Werneck; CARVALHO, Maria Alice Rezende de; MELO, Manuel Palácios Cunha. As ciências sociais no Brasil: a formação de um sistema nacional de ensino e de pesquisa. *BIB Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 27-63, 1995.

